

A salamandra e a crise

Robério Costa*

Camila Magalhães**

O axolotl é uma espécie endêmica de salamandra que povoa lagos próximos à Cidade do México. O animal há tempo atrai a atenção por possuir uma característica singular: ter a capacidade de regenerar partes mutiladas de seu corpo, como dedos, patas, órgãos, parte do cérebro e até da medula. Devido a isso, cientistas têm a esperança de que o axolotl seja a chave para a recuperação de traumas físicos do ser humano. Apesar de se assemelhar uma lagartixa translúcida, a salamandra mexicana, que mede cerca de 20 centímetros, não é um réptil, e sim um anfíbio, que se mantém na água durante toda a vida, diferentemente dos seus primos de vida dupla, os sapos as rãs e as pererecas.

A economia global anda à procura do seu axolotl desde o colapso da Lehman Brothers, há um ano. O evento marcou a inflexão de um problema que parecia inicialmente localizado no setor imobiliário americano para uma crise financeira sistêmica de grandes proporções, enfrentada por intervenções sem precedentes dos principais bancos centrais do mundo. A conta-gotas, as mazelas do sistema financeiro acumuladas ao longo das últimas décadas foram sendo desnudadas, na esteira da deterioração da economia mundial. A precariedade da supervisão bancária, as frágeis instituições de regulamentação, o aparato legal inadequado, os conflitos de interesse do sistema entre os participantes do mercado e o excesso de confiança nos ajustes automáticos do mercado de ativos foram apenas algumas brechas que ajudaram a gestar a crise atual.

Desde então, as medidas dos Estados Nações têm sido direcionadas para cobrir os danos mais imediatos, como a quebra de instituições financeiras, o colapso do modelo de financiamento imobiliário e a falência de algumas grandes empresas. Na verdade, as prioridades dos governos ainda são a de estancar eventuais hemorragias advindas da precificação irrealista de ativos financeiros, as pendências de soluções para instituições como Fannie Mae e Freddie Mac, a deterioração do mercado de trabalho e a incapacidade da política monetária e fiscal de reativar a economia.

Como o axolotl, as instituições capitalistas têm a propriedade de se recriar após seus revezes. Deixado à própria sorte, o mercado lambe as feridas, mas, ao fim e ao cabo, vai acionar seus mecanismos de regeneração, preenchendo as brechas na legislação, para explorar outros nichos. Quando o fizerem, se voltarão para mercados menos visados, usando instrumentos financeiros inovadores, enquanto os tradicionais estiverem sob o escrutínio dos órgãos fiscalizadores. Nesse sentido, a tarefa do Estado é ingrata, uma vez que depende de instrumentos institucionais rígidos, cuja evolução corre sempre atrás da capacidade criativa do mercado. Diante do trauma de grandes proporções causado pela crise atual, os governos deverão reforçar o ferramental de controle, munindo os Bancos Centrais e os órgãos reguladores e de fiscalização de mais poder, regras e, com sorte, mais coordenação entre as políticas regulatórias.

Apesar do intenso debate no âmbito global, não se produziu até agora quaisquer medidas preventivas pós-crise. Tampouco houve, por parte do sistema financeiro, qualquer tentativa de

regeneração das seqüelas deixadas pelos prejuízos ainda não totalmente contabilizados. O próximo desafio dos Estados, depois de concluídas as ações emergenciais, será encontrar o difícil equilíbrio entre a eficiência dos instrumentos que serão usados para limitar os futuros excessos do setor privado e a liberdade que assegure a vitalidade inovadora das empresas.

** Economista-chefe da Fram Capital*

*** Economista da Fram Capital*